

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CAMPUS DE SÃO LUÍS  
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS AFRICANOS E AFRO-  
BRASILEIROS

JOÃO CARLOS COUTINHO AMORIM

**PROSA & POESIA MOÇAMBICANA – *ROSITA ATÉ MORRER*, DE BERNARDO  
HONWANA E *RÔSINHA*, DE CALANE SILVA**

São Luís  
2023

JOÃO CARLOS COUTINHO AMORIM

**PROSA & POESIA MOÇAMBICANA – *ROSITA ATÉ MORRER*, DE BERNARDO  
HONWANA E *RÔSINHA*, DE CALANE SILVA**

Artigo científico publicado em livro defendido como parte dos requisitos para titulação de Licenciado em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros junto ao Campus de São Luís da Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Professor Dr. Edimilson Moreira Rodrigues.

São Luís  
2023

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL DESTE TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

AMORIM, João Carlos Coutinho.

PROSA & POESIA MOÇAMBICANA ROSITA ATÉ MORRER, DE BERNARDO HONWANAE RÔSINHA, DECALANESILVA/JoãoCarlos Coutinho Amorim AMORIM. - 2023.

27 p.

Orientador(a): Edimilson Moreira Rodrigues.

Curso de Estudos Africanos e Afro-brasileiros,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís - MA, 2023.

1. Literatura moçambicana. 2. Literatura moçambicana e o  
social. 3. Moçambique. 4. Processo colonial.  
I. RODRIGUES, Edimilson Moreira. II. Título.

**PROSA & POESIA MOÇAMBICANA – ROSITA ATÉ MORRER, DE BERNARDO  
HONWANA E RÔSINHA, DE CALANE SILVA**

Artigo científico publicado em livro defendido como parte dos requisitos para titulação de Licenciado em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros junto ao Campus de São Luís da Universidade Federal do Maranhão.

Apresentado em 26 de julho de 2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Edimilson Moreira Rodrigues – UFMA  
(Orientador)

---

Profa. Dr<sup>a</sup>. Cidinalva Silva Câmara Neris – UFMA  
(1<sup>o</sup> Examinadora)

---

Prof. Dr. Sávio José Dias Rodrigues – UFMA  
(2<sup>o</sup> Examinador)

São Luís  
2023

“Temos que falar sobre libertar mentes tanto quanto sobre libertar sociedade”

ANGELA DAVIS

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Deus, a minha família, ao corpo docente do LIESAFRO, às pessoas que contribuíram nessa caminhada até aqui. Caminhada feita de luta, luta contra as mais diversas formas de violência.

Agradeço ao meu pai, João Batista pela sua generosidade, coerência e ética.

A minha mãe, por me ensinar a resistir. Pois, por mais ampla que seja minha identificação com o curso, por tudo que ele representa para a academia e para sociedade como um todo, reside nela a minha mais remota e dolorosa lembrança de um ato racista.

Vi minha mãe, por diversas vezes sofrer por esse crime. Apenas, por ser uma mulher preta mãe de duas crianças de pele mais clara, isso já bastava para que outras pessoas lhe discriminassem, atribuindo-lhe o papel de cuidadora (babá) e não de mãe. Ali, vi por tantas vezes ela resistir, não se curvar. Ensino esse, aprofundado, pelas experiências vivenciadas nesse curso.

Agradeço aos meus irmãos, Beto, Cacá, Antônio e ao amigo e irmão Chico Carlos, pela fraternidade, no sentido mais profundo.

Agradeço aos meus filhos, meus espelinhos, João Pedro, Nina e João Miguel, por tudo que acrescentaram e potencializaram em minha vida, como o amor, o cuidado comigo mesmo, a responsabilidade e até mesmo o medo. O orgulho de ver o melhor de mim em vocês.

À minha amada companheira Lucianne que, com sua determinação, persistência, insistência me fez voltar a estudar, minha eterna gratidão por me possibilitar trilhar esse caminho e reencontrar companheiros como: Noletto, Pedro e conhecer novos como: Vera, Glauceline, Ildean, Amilton, Gabriel, Igor, Fernando, Edvan, Elga, Nayane, Sebastião, Idalina, Talessa, Vitor, Allisson e todos os demais com os quais convivi nessa prazerosa e trabalhosa jornada.

Agradeço aos ensinamentos e convivência com os professores do LIESAFRO e como cada um vive em minhas melhores lembranças. Foi muito bom estar com vocês todos.

Ao professor e meu orientador, Edimilson Moreira Rodrigues, agradeço pela atenção, generosidade, gentileza e delicadeza poética no desenvolvimento desse trabalho.



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. LITERATURA MOÇAMBICANA E O SOCIAL	11
3. <i>RÔSINHA E ROSITA ATÉ MORRER</i> – SEDUÇÃO DO SIMPLÓRIO	14
3.1 Rosita, até morrer na derrota dos sentidos	16
3.2 Rôsinha	21
4 CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
ANEXO 1 - Carta de aceite	27



## **APRESENTAÇÃO**

O presente artigo faz parte do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros – Liesafro/UFMA, bem como, do ebook “Moçambicanto: as vozes dos poetas acendendo o verbo da poesia”, organizado por Edimilson Rodrigues e Cláudia Letícia Moraes, publicado pela editora CLAEC.

O capítulo intitulado: “Prosa & Poesia Moçambicana – Rosita até Morrer, de Bernardo Honwana e Rôsinha, de Calane Silva, tem como proposta apresentar uma amostra do processo de construção da literatura moçambicana. Uma literatura cunhada no social-histórico do povo moçambicano. Nesse sentido, trazemos aqui, duas obras cujos os autores e as mesmas trazem as marcas desse processo plasmadas em suas prosas e poesias, cimentadas na oralidade, na oratura, na ancestralidade, no social, no resistir para reexistir

### **PROSA & POESIA MOÇAMBICANA – ROSITA ATÉ MORRER, DE BERNARDO HONWANA E RÔSINHA, DE CALANE SILVA**

**Edimilson Moreira Rodrigues – UFMA – Axolotl/ NIESAFRO\***

**João Amorim UFMA – LIESAFRO\*\***

## **RESUMO**

O presente artigo busca, através das obras Rosita até morrer de Bernardo Honwana e Rôsinha, de Calane Silva. Apresentar o processo de construção das citadas obras, seus autores, seus personagens, a literatura moçambicana e por que não, o povo moçambicano, uma vez que a dialética presente nessas obras não se desassocia do contexto vivenciado por Moçambique ao longo de sua história, do seu passado colonial, de sucessivas guerras que influenciam diretamente no processo de construção cultural daquela sociedade. Buscamos aqui trazer uma reflexão sobre a

---

\* Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (2001), Mestrado em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão (2008) e Doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2017). Professor do Centro de Ciências de São Bernardo MA de língua e literatura Espanhola. Líder do Grupo de Pesquisa AXOLOTL.

\*\* Graduando do curso de Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros pela Universidade Federal do Maranhão.

literatura moçambicana e o social. Buscamos apresentar um panorama da literatura moçambicana e, conseqüentemente a inserção desses autores e suas temáticas e do lugar dos mesmos na sociedade. Pois, aqui tratamos de dois autores forjados na luta contra o processo colonial, resistindo e se autoafirmando identitariamente.

**Palavras-chave:** Literatura moçambicana; Literatura moçambicana e o social; Moçambique; Processo colonial.

## **ABSTRACT**

This article seeks, through the works *Rosita until I die* by Bernardo Honwana and *Rôsinha*, by Calane Silva. Present the construction process of the aforementioned works, their authors, their characters, Mozambican literature and why not, the Mozambican people, since the dialectic present in these works is not dissociated from the context experienced by Mozambique throughout its history, from the its colonial past, of successive wars that directly influence the process of cultural construction of that society. We seek here to bring a reflection on Mozambican literature and the social. We seek to present an overview of Mozambican literature and, consequently, the insertion of these authors and their themes and their place in society. Well, here we are dealing with two authors forged in the struggle against the colonial process, resisting and asserting their identity.

**Keywords:** Mozambican literature; Mozambican literature and the social; Mozambique; Colonial process.

## **1. INTRODUÇÃO**

Em um país marcado pelas agruras causadas pelo processo de colonização, processo esse que, impõe as mais diversas submissões aos “colonizados”, a arte, no caso aqui, a literatura é antes de qualquer outra coisa um ato de resistência.

Nesse mosaico de diversidade cultural, narrativas mil, se dá a construção desse sujeito que luta para romper com o processo que entre tantos desdobramentos, busca emoldurar a identidade do mesmo.

Essa literatura se coloca, assim como outras narrativas, como um viés importante no processo de resistir / reexistir, de afirmação do ser moçambicano.

Não se trata mais de alguém que fala sobre um povo, sem ter vivenciado todo o processo histórico por dentro. Mas, do sujeito que carrega as marcas e as feridas mal cicatrizadas ao longo da colonização e da luta pela independência.

É nesse contexto, de um país de independência recente e tardia, que surge essa literatura que grita por outra construção social de Moçambique.

Os sons desses gritos transcorrem desde o período anterior a independência, passando pelo período de luta, chegando ao pós-independência, onde os ecos despertaram os olhares para Moçambique e sua literatura.

Sim, sujeitos de sua própria história. Mas, aqui falaremos de uma literatura para além daquela marcadamente panfletária e militante. De uma literatura onde esses elementos estão presentes, mas não a serviço de um pensamento político partidário, e, sim mais amplo, abarcando o léxico, a estética, a memória e toda construção linguística do povo moçambicano.

Nessa cena, onde o social e o literário não se apartam, residem os poetas, Bernardo **Honwana** e **Calane** Silva.

Escritores marcados pela imposição da delimitação de espaços e de imposição política protagonizada pelo colonizador. Mas, que encontram na poesia a maneira de se comunicar com seus patrícios e outros em Moçambique e mundo a fora.

Bernardo Honwana, jornalista de formação, militante (FRELIMO), escritor poeta, agente público, no governo de Samora Machel e na UNESCO.

Raul Alves Calane da Silva, jornalista, escritor, poeta, trabalhou com revista e televisão, dirigiu a Associação dos Escritores Moçambicanos e o Centro Cultural Brasil – Moçambique, vencedor do prêmio José Craveirinha em 2022.

Dentre tantos poetas moçambicanos e tantas obras não menos relevantes, neste capítulo, ficaremos com esses dois poetas e suas obras: **Rosita até morrer**, de Honwana e **Rôsinha**, de Calane. Aqui, de maneira singela, buscaremos compreender como a língua do colonizador se fez morar no sujeito colonizado, passando pelo processo de absorção a resistência.

## 2. LITERATURA MOÇAMBICANA E O SOCIAL

A literatura, ou melhor, toda poesia é um ato de perplexidade, é um espanto de descobertas, dá-nos um espírito de rebelião, mostra-nos o além, é ainda uma celebração da vida em suas pevides mais profundas, cujo foco irradiante é o sujeito histórico. O teor associativo das articulações da inteligência dos autores leva-nos a refletir sobre os *signos da arte* e sua essência, usando um título de Deleuze (1987).

É um exercício da inteligência humana livre de imposições, rico de querelas do humano, recheado de liberdades da opressão – racial, cultural e histórica como louvor da inteligência humana.

Acreditamos que a escrita oral, numa representação do sujeito histórico que se soldou aos valores do colonialismo, através da língua portuguesa, determina e ajuda a compreender a vida cotidiana dos sujeitos, seus mitos e religiões que se imprimem no conflito colonizador/colonizado, tudo isso no repositório literário que, fundamentalmente, funciona como testemunha dessas lutas ideológicas.

O desenvolvimento destas literaturas deve-se muito às lutas ideológicas contra o colonialismo. Todos estes países têm História e cultura próprias. É certo que há fios condutores culturais e históricos em comum, como a Língua Portuguesa e a vivência do colonialismo (XAVIER, 2017, p.09)

Desse modo, a investigação metodológica, neste tópico, possibilita resgatar a maneira como o idioma do Outro albergou um novo sujeito, preconizando as relações dos valores tradicionais na absorção da língua do dominante. Tais leituras, dos textos selecionados, permitem compreender reconstruções linguística, sociológicas, históricas e suas confluências culturais. No entanto, o compromisso é apresentar um panorama da literatura moçambicana e, conseqüentemente, a inserção desses autores, através das temáticas e do seu lugar na sociedade, visto que, “A obra literária africana não pode ser dissociada das condições de enunciação: ela constitui-se, ao reproduzir seu contexto. O estudo da enunciação centraliza-se na actividade criadora, mostrando como a obra representa o mundo onde surge” (AFONSO, 2004, p. 180).

Não cabem dúvidas que, as obras literárias moçambicanas, refletem valores e situações sociais e históricas, políticas e literárias, cujo critério do enquadramento, é uma questão da subjetividade de cada autor. No entanto, certas temáticas tiveram uma importância decisiva no espaço da afirmação literária moçambicana. Assim, podemos dizer que

Nela(s) convergem, ou se calhar divergem, nomes e obras que estão, por vezes, nos antípodas uns/umas / outros/outras. São vozes e percursos, estilos e temas, caminhos e atalhos, que a nossa poesia intentou, marcando a diversidade que é uma das suas singulares características, o cosmopolitismo da nossa poesia, o ecletismo evidente, num inescandível contencioso entre a tradição e a modernidade (SAÚTE, 2004, p. 31).

São escritores forjados na luta contra o processo colonial, que provoca nos mesmos a necessidade de autoafirmação identitária. Essa identidade, foi cimentada na história social do povo moçambicano.

Os problemas sociais são plasmados para o campo da literatura, e, tanto na prosa, como na poesia, constatamos que essa é a realidade da evolução dinâmica das artes, e a literatura moçambicana não é exceção. Posto que, na África, isso foi uma tônica constante. Pois, segundo Ferreira (1978).

Realidades culturais em evolução dinâmica, onde o contacto de culturas mina as estruturas tradicionais africanas, desagregando, destrabalizando, e assim em vários pontos tornados em laboratório de subculturas ou de crioulação, ali se tecem os mais insuspeitados problemas que, em grande parte, se constituem na substância da poesia moderna africana (FERREIRA, 1978, p. 17).

A literatura produzida pós os anos 80, em Moçambique, rompe os diques da subversão militante, para impor, com o esmero da invenção imagística, uma poética expressivamente apurada no rigor da linguagem, com profundo saber estético, ancorado nas incursões sociais, ancestrais e filosóficas do ser africano.

Ambos os poetas, ainda que de tempos diversos, trazem a marca da liberdade social e histórica, mas trazem, ainda, o rigor libertário na dissonância no uso da língua portuguesa, com marcas profundas da oralidade e de outras línguas. Imprimindo assim, a poética que rompe com os paradigmas europeus, com o panfletismo da poesia engajada dos anos 60 e 70, ao criarem metáforas inusitadas, metonímias sinestésicas que remetem ao todo do ser africano, com uma linguagem que esbulha a língua do Outro edificando as suas, com o cheiro, cor, som e aromas de África.

Os autores moçambicanos, pós década de 80, nos permitem perguntar: como ler a literatura moçambicana contemporânea sem levar em consideração os saberes ancestrais, as lutas sociais, a contribuição do panfletismo literário? Não é possível

ler contos, poesias e romances moçambicanos sem considerar a interferência que têm sobre a leitura dos textos a língua como contributo de potencialidades estéticas.

Os expressivos recursos linguísticos, a densidade imagística e verbal, são modos recorrentes de perscrutar o corpo da linguagem literária moçambicana contemporânea. Os textos deixam vaziar imagens sedutoras e prazerosas, comoventes e convincentes de uma poética que conjuga os contornos do ser social no ser literário. As poéticas afetivas ocupam, cada vez mais, um lugar dominante na conjugação do estético.

Os escritores traduzem os sujeitos como mágicos fabuladores da cartografia artística. Os contornos, ainda que imprecisos e denunciadores de estéticas exteriores, desenham a voragem do ser africano com as cores da paisagem e da terra matriz.

### **3. RÔSINHA E ROSITA ATÉ MORRER– SEDUÇÃO DO SIMPLÓRIO**

Tal como na vida real, os textos invocam os seres das relações sociais, para demarcar a existência do comportamento do ser apaixonado que se deixa envolver pelo amado. Pois, na ficção o personagem, ainda que real, deve ser reinventado, para não ser a negação do literário. Em um e outro aspectos, se distinguem os seres: homens mutilados pelo social, são costurados na ficção do histórico. No conto a submissão se dá pelo olhar feminino. Na poesia não temos a submissão, mas sedução masculina que imprime a vontade da relação sexual de variadas maneiras sobre a sensibilidade feminina.

O conto é denso, furtivo e terno, posto que, permite entrever o sentimento da mulher que vai narrando sua história de amor, com a delicadeza de dizer da submissão pelo ser amado. O conto investiga o passado, inscrevendo no presente as ranhuras da vontade de partilha do corpo. Ela, a personagem, se constrói como ser de segundo plano, com as marcas linguística que configuram neste conto-memorial, a anulação em exaltação ao outro. Numa modalidade de dizer o que supõe, a narradora, através da tipologia carta, vai transformando o conto num ato de recordações, tece os meandros do abandono em função de recordações e lembranças que, cotejadas pelo leitor, constroem a verdade histórica de seus sentimentos e das outras mulheres iguais a ela.

Por intermédio da fruição do dizer que se confunde com o sentir, a narradora revive sua paixão, vislumbra a companhia do seu homem, recuperando a

imaginação que transborda de ternura, faz do tempo da narrativa um amontado de sentidos nebulosos: dor, amor, tristeza, decepção.

Personagens do conto e da poesia se irmanam no dizer verbal, com a argúcia da linguagem, para mostrar ao leitor, o caráter do sujeito da escrita: observador, meditando sobre o social e o sensual, num jogo duplo da criação, numa invenção onde o passado fragmentava os sujeitos, para, no tempo presente, redimi-los, inteiros, na dignidade do literário.

Os poetas, nos textos selecionamos, são seguros de si, capazes de edificar a palavra no monumento do verbo no qual, oferecem a construção da língua portuguesa que se escora nas línguas nacionais, capazes de trazer para o corpo da língua portuguesa, as marcas das mais variadas regiões de África. Dessa maneira, as personagens se ambientam no mundo das crenças, da musicalidade, do moderno que escolhe as marcas da existência do antepassado. Desenham, assim, as experiências da vida cotidiana como olho da consciência que perscruta a vida e colhe a ficção como constructo do real.

Como vestígios de edificação do idioma, a linguagem dos escritores, busca a personalidade do homem que conhece a autenticidade das coisas, para que, entre a essência e a aparência, haja vitalidade entre forma e conteúdo, cujo drama dos seres, estão aí representados – amor e submissão, alienação e assunção, fatalidade e banalidade sob a ótica da sensibilidade que o corpo feminino desperta no homem.

São duas personagens mulheres que seduzem pela sua funcionalidade inventiva e afetiva. As duas obras abrangem uma infinidade de temas – o singelo, o feminino, a epistola, a oralidade que é mais perceptível em todas elas.

Pelas perquirições, interessa-nos demonstrar a ressonância dialógica entre as obras que, tanto podemos expressar pela ótica dos temas convergentes, pelas relações histórico-sociais, como através das relações da oratura presente em ambas.

Também no vetor da oralidade podemos dizer que o singelo está posto porque a forma de narrar os acontecimentos dignifica a forma de falar cotidiana das pessoas que passam pela apropriação do idioma do estrangeiro, no qual eles têm como referencial inclusive do escrito. Assim, a obra nos revela que “o escritor é, pois, um criador, mas ao mesmo tempo, a sua obra está, toda ela, mergulhada no momento histórico que a origina” Ricciardi (1971, p. 80).

Tal situação, estando diretamente relacionada com o sistema colonial, demarca o sentido da dependência quando a personagem do conto - **Rosita, até morrer** doa maracas do processo de produção imposto, bem como do sistema de submissão da busca de um terceiro para narrar sua sensibilidade.

As duas obras marcam e assumem a escrita dialógica herdeira de passados vários, iluminando os caminhos da contemporaneidade. Ambas estão concatenadas ao vetor da sensibilidade, pois vão de um extremo lirismo em prosa poética no conto a um lirismo prosaico na poesia. São obras que operam no prisma da revelação excepcional da obra literária, pois são poetas que se revelam a literatura “com uma escrita que se integra na nova atmosfera criada pelas profundas transformações ideológicas” SAÚTE e MENDONÇA, 1993, p. XIV).

### 3.1. Rosita, até morrer na derrota dos sentidos

A descrição dos sentimentos aliciados pelo poder da sedução coloquial e singela, apara as ranhuras da linguagem, adiciona vitalidade expressiva no poder da afetividade com a pergunta íntima e lusa – “Antão, como está?” (HONWANA in SAÚTE, p.171). Desde esse momento, vamos incursionar em duas viagens criativas. A primeira, solenemente denunciada pela apropriação da língua do estrangeiro que se traduz no escrito via audição, daí as digressões ao longo do texto. Então se transforma em “antão”. A entrega da amada, a submissão como derrota dos sentidos, está patinada desde o enunciado – “Manuel do meu coração:” (HONWANA in SAÚTE, p.171).

A outra viagem é a que transita no âmbito da sedução, visto que o étimo, nessa mobilidade linguística, traduz os momentos com a cor e a alegria do aprendizado festivo feminino, esse habitando corpo e pátria da mulher em semente-mátria, com metáforas que ainda fecundam ambos leitores e personagem feminina que domina, essa, a arte da narrativa-sedução no aliciamento das recordações, e aquele, conduzido à grafia do feminino similar à do *corpus* poético-afetivo. Ambos são conduzidos, no processo de sedução (conduzidos através: se-ducere – conduzir ao desvio, mudar a direção) à travessia da vida: quem escreve, decalca sonhos, quem engravida, torna visível sonhos decalcados em memórias afetivas: “Eu não esquece: tu drabou, dromiu com mi, eu era menina, você encontraste, deixou eu com prenha, fugiste com outra mulher” (HONWANA in SAÚTE, p.171 e 172). Desde



aí, observamos a ruptura com a língua do colonizador ao ser esbulhada pelo colonizado através da apropriação do coloquial. Imprimindo assim, a oratura no literário.

Essa oratura, vai aparecer como uma marca, um diferencial entre uma literatura produzida pelo colonizado. Fundamental no processo de afirmação identitária, de preservação da memória do povo moçambicano frente à imposição da cultura do colonizador.

para Kandjimbo (2003, p. 15-16) vai além n. 41 (2022): CADERNO SEMINAL - ESTUDOS DE LITERATURA: Imagens de infâncias em literaturas africanas e/ou das diásporas africanas e-ISSN 1806-9142 10 DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/seminal.2022.59404> de “um acervo de textos orais que podem, presentemente, ser conservados com recurso à escrita. [...] Encerra em si as conotações de um sistema estético, um método e uma filosofia”. Por meio deste método, os escritores buscam evitar que suas memórias caiam no esquecimento, resgatando, assim, histórias, conhecimentos e costumes que foram passados de uma geração a outra pela oralidade. Consequentemente, há o fortalecimento das diferentes culturas pertencentes a uma grande unidade tradicional.

O domínio dos sentidos, sobre Rosita, é sintoma de sua derrota perante o ser amado. A dependência sentimental está na temática da carta, como sintoma inevitável da submissão que revela os sentidos da mulher mutilada pelo ser amado, exposta ao fervor do afeto qual estado patológico (paixão) que a direciona mendigar momentos de prazeres.

“Quando tu quer tu vem escançar, só escançar, conhecer tua filha comer os ovo com galinha, com cabrito quando você guenta [...]” (HONWANA in SAÚTE, p.172)

No texto há um misto de prazer e desespero, angústia e desejo, solidão e ternura que se aderem à sensibilidade do leitor liberando sentidos de fragilidade, obsessões e medo que são o constructo da psicologia do humano. No texto, o leitor se sente terno e, ao mesmo tempo, tangido pela sutileza das narrativas que primem pelo singelo, por via do compromisso do corpo da personagem que busca o prazer em ofertar o que possui e o melhor de sua terra. “[...] beber ucanhi nas família da terra, tomar banho no rio, dançar xingombela no casa de N`Dlamini, mais nada” (HONWANA in SAÚTE, p.172). O “mais nada” constitui uma contradição – o querer entregar-se.

Ela, a personagem, vitimada pelo fragmento temporal do sensível, irrealizada na sua conquista física, despojada dos atributos corporais, seduz pelo que tem, doando alimento e, conseqüentemente, se alimentando das recordações do corpo do amado.

Rosita, ao invocar a chegada do amado, se revela como possuidora da força e da dignidade do produzido do descoberto no manto da aprendizagem: “Eu não foi no escolo, não tem o estudo nem nada, escrever meu nome foi você que ensinaste” (HONWANA in SAÚTE, p.172). As evasões dialógicas são recordações que, através do texto cerzido com linhas da “memória subterrânea” (POLLAK in SOARES, 2015, p.32), desnudam a essencialidade do desejo de quem: “Só sabe fazer machamba, fazer comida para você, lavar teu ropa, gostar você” (HONWANA in SAÚTE, p.172).

Esta performatividade consciente da personagem, revela seu desejo de receber atenção e carinho constantes. São vocações femininas prenhe do inusitado, decalcado na posse de Manuel, ainda que distante, de Rosinha, quando anuncia ter “eu é pobre mãos bom para trabalhar também para dar” (HONWANA in SAÚTE, p.173)

Ela, Rosita, translúcida nas suas palavras, recompõe os momentos de presença dele, hoje evanescente, em tenebrosos momentos de devaneios; assim, a presença dele, apesar dos anos que se passaram, se imprime na narrativa, como desejo pela sensação transmitida pelas palavras que se convertem em metáfora de redenção, de júbilo e glória de um dia ter estado ao seu lado – “Eu não esquece mas eu já nem zanga nem nada [...]” (HONWANA in SAÚTE, p.172); na contradição do que viveu, estabelece-se entre leitor e personagem, uma cumplicidade moral, que evoca da insensibilidade generalizada do amante que nunca mais voltou. O desejo de retorno, mais próximo possível, é ilusório, e a faz submergir no impossível, no absurdo e no estranhamento, empurrando as esperanças para um futuro incerto; comprando-o com os objetos de sua produção, denunciando, assim, o momento da total submissão, na frieza da reprodutibilidade do que produz, confirmando a derrota do ser feminino que se aprisiona na dependência, vitória do amado. “Quando você vai eu dá saca de mandoinha que você guenta levar no machibomba, pode ser 4, fica muito ainda [...]” (HONWANA in SAÚTE, p.173).

Neste sentido, o fracasso da linguagem pressupõe, também, o fracasso da personagem em ter de volta o seu homem, ofertando o que plantou, e mais,

divulgando sua força de trabalho à serviço do prazer. Dito assim, ela busca adentrar no sentimento profundo de Manuel, acordando metáforas mais profundas das lembranças de quando eram unos. No entanto, o silêncio profundo de Manuel reside na audição dos sentidos dela conclamados à superação do fracasso de si mesma. Ela mergulha na sedução dos eventos vividos, reconstruindo-os, através da memória, compulsivamente, no ardor de ser olvidada e até substituída, o que a faz apelar para uma suntuosidade de recepção.

“Quando você quer vir você escreve carta, dá chofer de machimba de Oliveira pra entregar no cantinho do Mohano. Você diz eu vai chegar dia assim assim. Eu manda carroça com os meudo esperar você. Minha boca não gosta falar cosa que meu coração está dizer, mas minha cabeça fica maluco quando minha boca não diz: eu gosta muito você” (HONWANA in SAÚTE, p.173).

A personagem feminina, fenece em singeleza de oferta, doando, assim, sua liberdade pela prisão dos sentimentos, desenrola, diante do outro, sua fatal condição patológica que a traduz no horror dos sentidos, cheias de esperas do acasalamento, lembranças dos raros momentos que ainda causam reflexos nos sentidos vivos, pulsantes na paisagem corporal.

Sua carta, invenção de cumprimentos, são meios demonstrações de inerentes, do sentimento de amor que a avassala, as palavras são reais, mas o motivo ela as inventou como estratégia, como eixo condutor de declaração de pendente, para entregar-se, mesmo nas distâncias, temporal e espacial, real e imaginária.

Na compulsão das palavras, Rosita incursiona firme no poder de entrega dos sentimentos solitários os quais não são suficientes pois, demonstram a rutura interior dos sentidos que se tornam singelos, quando não submissos, pois, o ato de entrega, por via das palavras evocadas pela narrativa, faz com que a amada se mantenha numa posição entre oferecer e esperar, citar e relembrar o que ocorreu no passado, com vistas a ter e receber, no presente.

A exposição frágil de Rosita é definitivamente uma postura de entrega que a descreve como ser de submissão, sujeitável e dependente do amor descartado pelo amado. Embora a personagem feminino, afete os sentidos da entrega, a submissão não se isente de ser diagnosticada como singela, pois, a capacidade de

performance e a postura da personagem definem uma dependência de sua identidade feminina e, ao mesmo tempo, uma afirmação do ser mulher.

Nesse sentido, a entrega de bens, a doação da atenção, e a sua postura de mulher apaixonada revelam uma forma latente de manipular seus desejos, sentimentos, isto é, convocá-los à performance e à narrativa do conto. Por outro lado, a sobrevivência corporal de Rosita está condicionada à certeza de atenção do suposto marido, como porto de segurança, isto porque, supostamente, seu sentimento de prazer faz parte daquele sentido de pertencimento, e, ao mesmo tempo, de mulher independente, ao oferecer “coisas úteis” ao seu amado – “Manuel do meu Coração”. Uma sedução tácita se apoiava na oferta que, indiretamente, era oferta do corpo, morada das emoções afetivas que pretendia afetar o amado.

Ao introduzir as ações de Manuel, narrar seu caso de amor, demonstra sua sensibilidade pela ordem cronológica dos acontecimentos nos quais cada episódio evidencia um estado de contato, desejo e amor, para com o seu amado. Por isso, Rosita faz um desvio ao recontar as suas tentativas em vão de lembrar ou reconstituir os acontecimentos, usa essas lembranças para recompor, além dos momentos significativos, a imagem do desse homem que povoa seu imaginário de mulher sedenta de paixão.

As palavras, como fragmentos do saber alheio, ressoam como moldura exata da imagem dele, pois, ele as usou como instrumentos de formação de outros.

O tempo cronológico tece a coerência da narração, registrando um entrelaçamento de um passado longínquo e o presente, pela presença da lembrança, melhor da memória que a faz reviver as experiências e do ser que narra uma história através do que conta ao amado.

Através da epistola, a reiteração dos sentimentos, amor, ódio, paixão e saudade dão a tônica do desenvolvimento das ações, sua sensibilidade de mulher que deseja ser amada, desejada e possuída pelo seu homem, ainda que à distância, traduz a submissão existente no relacionamento com Manuel e os seus pensamentos intuídos pela ausência frente à saudade do amado abrem lacunas no corpo da narrativa para lembrar, constantemente, que ele a largou, mas que ela o aceita de volta. Reiteradamente, ela recupera o início das experiências vividas naquele tempo, mencionando a domínio das outras mulheres que causaram o

desprezo do amante, assim, recorre ao poder das recordações do que ela é capaz de propor por intermédio do trabalho braçal, como já ficou evidenciado mais acima.

Quando Rosinha reconta as aventuras vivida naquele momento histórico, menciona as aventuras brevemente experimentadas, nas quais conclama os sentidos objetivando o retorno do amado.

Nessa rutura de linearidade sentimental, vamos entrar noutra sagacidade poética moçambicana, a poesia *Rôsinha* de Calane Silva.

### 3.2. Rôsinha

Ao lermos o texto de Calane Silva estamos ante o perplexo da sensibilidade humana. Traz a memória íntima dos fatos da vida moçambicana, a inovação do estilo é perceptível desde o título – *Rôsinha* um diminutivo que toda grande a poesia singela.

Tais dados nos lembra o que disse Oliveira (1991, p. 275):

Toda grande poesia – e falamos da poesia substantiva: aquela que, para sobreviver, independe da inflação verbalista – é um ato de perplexidade. Nutre-se do espanto, centra-se no assombro – do espanto do homem diante dos enigmas que o universo lhe propõe; no assombro ante as desarticulações do mundo nas quais ele é lançado: arremessado nos avessos da vida (OLIVEIRA, 1991, p.275).

A poesia de Calane Silva provoca um fascínio pelo simples. O coloquial seduz o leitor pela possibilidade do rústico da linguagem e do simplório sensível da personagem feminina. A grandeza expressiva do texto poético do autor moçambicano reside no fato de ter sido escrito na verve do verbo, ou melhor, no calor do tempo histórico.

O elemento deflagrador daquela assertiva reside nas formas do resgate oral da linguagem, ela é a base eminentemente sensorial do autor que sabe captar a fala do simplório e transformá-la em literária. Faz assim, do coloquial, uma arte de compromisso com o social-literário, pois promana da valorização dos sentidos da língua do colonizado que se esmera na do colonizador.

A literatura africana tem o fascínio pelo oral, a oralidade e a escrita convergem, em altíssimo, sobre o corpo da poesia. Ela refere-se aos modos como eles se comunicam, faz referência insistentemente ao social, com o rigor do

cotidiano e da vida privada que se colori do público. Suscitando, sutilmente, variadas convergências entre a cultura letrada e a ágrafa. Despertam o olhar do leitor para as consequências entre os choques de culturas, mas que sustentadas entre si, no expressivo uso da linguagem literária.

Os textos criam suas normas e regras, em contato com o idioma europeu, pois falam da vida e seus pormenores, revelam os segredos individuais ocultos que, através da visualidade literária, trazem à epiderme do texto, os sujeitos invisibilizados. Os escritos vivem sob o impacto da proliferação de sentidos, desejos e sonhos, ancorados na fala coletiva que irrompe em enunciação e polifônicas reflexões sociais.

Ao abordar os temas do amor e da submissão, Calane Silva demonstra o problema da fala coloquial, e das regras do uso da língua portuguesa, demonstrando a relação íntima entre fala e escrita, no funcionamento do imaginário literário.

Vejamos a obra literária em sua mancha gráfica na fotografia de um mundo singelo e particularmente significativo.

#### RÔSINHA

Rôsinha

eu estar chatiado

não ir trabalhar.

Rôsinha

agente aôje vai amar.

– Ouvi quirido

ocê sabe qui Chiquito

comeu manga verde

tem dor no barriga

agente aôje não vai amar.

Rôsinha

eli não vai chorar!

Eu vai comprar rimédio pra Chiquito

tu vai ver

eli ficar bom

eli ádi brincar.

Tira capulana Rôsinha  
agente aôje vai amar!

O poema tem um compromisso com a perfeição do belo, atado na singeleza do poético como conquista da oculta sabedoria do humano, de onde emana a liricidade com o “propósito de desnudar o ser, desocultar as fontes da vida” (OLIVEIRA, 1991, p. 212).

O poema desnuda o ser da vida simplória e o repõe no momento histórico que os origina – a vida social do sujeito de Moçambique, marcada pelo domínio do estrangeiro que o força a articular o discurso no idioma dele. Um idioma que é esbulhado pelo dominado, sem perda da ternura do africano, que acresce ao idioma seu modo muito particular de viver e atuar, desocultando as fontes da vida simplória.

Exemplo basilar é a ausência de conjugação do verbo estar, o qual é usado no infinitivo – “eu estar chateado”. Somando-se a troca do (E) por (I) em chateado. O que nos provoca um olhar para o processo de formação e apropriação do idioma, ou seja, um estágio da alfabetização que, no caso dá-se pela imposição do idioma do estrangeiro dominante. A singeleza dialógica se faz presente em dois ângulos. Um que prima pela apropriação do idioma estrangeiro, outro que esmera a língua do dominante para seduzir e imprimir sua marca de ator do espetáculo da linguagem literária, o eu poético que, a usa como símbolo de descobertas, mas também, “do espanto do homem diante dos enigmas que o universo lhe propõe” (OLIVEIRA, 1991, p.275).

O mesmo ocorre com a estrutura do verso seguinte – “não ir trabalhar”. Podemos dizer que na formação de letramento do sujeito africano há uma predileção pelos verbos no infinitivo, posto que, nas marcas linguísticas do texto, há pouquíssimos verbos conjugados que concordam com o sujeito. Para além disso, podemos dizer, ainda, que há uma predileção pela substituição da letra (I) em substituição pela letra (E): “chateado, quirido, qui, eli”. A representação gráfica da letra é substituída pela sonora que é mais próxima da pronúncia coloquial.

Dessa forma, a obra revela, o momento histórico que a origina, pois, segundo os referentes linguísticos do texto, percebemos uma adaptação do coloquial se estruturando nas normas da língua portuguesa. A composição da escrita que transcreve o oral ao escrito quando escreve pronome, verbo haver e preposição

numa representação do sonoro: “eli ádi”. Tal expressão traduz o momento em que o criador estrutura sua obra:

#### 4 CONCLUSÃO

O objetivo aqui, foi apresentar outras práxis da escrita, do mosaico da poesia moçambicana, morada do social, do histórico, do biográfico, da forma particular, da pluralidade linguística, ou seja, da identidade do povo de Moçambique.

Assim, vimos sob os olhares desses dois autores, uma literatura frutífera, diversa, rica, representativa, questionadora, com enorme papel histórico, social e político.

Vimos que, na poesia moçambicana, em particular a aqui tratada, a escrita e a oratura, não se resumem a dois gêneros, faz parte de um único ser, vivo, latente, pulsante.

De uma poesia que, desempenha o papel de resgate, resistência e afirmação identitária em suas narrativas. Com preservação da memória, através da oratura, transcorrendo o pré e o pós colonial. E, é nesse contexto que a obra de Honwana e Calane, vem cumprir o seu papel de afirmação da importância da literatura moçambicana.

Assim, concluímos que, a literatura e aqui em particular a poesia moçambicana é fecunda em sua(s) narrativa(s), é questionadora da(s) violência(s) do processo colonial e pós-colonial, é prazerosa, é o GRITO que nos causa o espanto e o despertar como sujeito(s).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Maria Fernanda. **O conto moçambicano**. Escritas pós-coloniais. Lisboa: Editora Caminho, 2004.

ALMEIDA, in PATRAQUIM, Luís Carlos e SECCO, Carmen Lúcia. **Luís Carlos Patraquim**. Antologia poética. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Associação editorial Humanitas, 2006.



CHABAL, Patrick. ***Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade***. Lisboa: Vega, 1994.

DELEUZE, Gilles. ***Proust e os Signos***. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1987.

FERREIRA, Manuel. ***A libertação do espaço agredido através da linguagem***, in VIEIRA, José Luandino. ***A Cidade e a Infância***, Edições 70, Lisboa, 1978

FERREIRA, Manuel. ***50 poetas africanos*** – Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. Lisboa, Plátano, 1989.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. ***Literaturas africanas de língua portuguesa***. Mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

GOENHA, Agostinho. ***Literatura moçambicana no ensino – aprendizagem do português em Moçambique***. Maputo: Universidade Pedagógica de Maputo/Editora Educar, 2021.

LEITE, Ana Mafalda. ***Oralidades & escritas nas literaturas africanas***. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

OLIVEIRA, Franklin. ***A dança das letras*** – antologia crítica. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991.

RICCIARDI, Giovanni. ***Sociologia da Literatura***. Lisboa: Men Martins e Europa América, 1971.

SAÚTE, Nelson e MENDONÇA, Fatima. ***Antologia da nova poesia moçambicana***. Associação dos Escritores Moçambicanos, Maputo, 1993.

SAÚTE, Nelson. **As mãos dos pretos**. Antologia do Conto Moçambicano. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

SAÚTE, Nelson. **Nunca mais é sábado**. Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.

XAVIER, Lola Geraldes. **Literaturas africanas em português**: uma introdução. Instituto politécnico de Macau, Macau, 2017.

CONCEIÇÃO, V. G. A ESCRITA ANTICOLONIALISTA DE LUÍS BERNARDO HONWANA. **fólio - Revista de Letras**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2019. DOI: 10.22481/folio.v2i10.4476. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/4476>. Acesso em: 26 abr. 2023.

## ANEXO 1 - Carta de aceite

1

### CARTA DE ACEITE

Atestamos para os devidos fins que o artigo *Prosa & poesia moçambicana – Rosita até morrer, de Bernardo Honwana e Rôsinha, de Calane Silva*, de autoria de **Edimilson Moreira Rodrigues** e **João Amorim** foi aprovado para publicação no e-Book “**Moçambiencanto**”: **as vozes dos poetas acendendo o verbo da poesia** pelo Selo Editorial Editora CLAEC, com publicação prevista em julho de 2023.

Foz do Iguaçu/PR/Brasil, 11 de julho de 2023.

Atenciosamente,



Dr. Lucas da Silva Martinez

Editor-Chefe Adjunto

Editora do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura - CLAEC | CNPJ Nº 13.448.301/0001-24  
Sede: Rua Vila Velha, nº 63, Vila C, CEP: 85870-050, Foz do Iguaçu/PR – Brasil | [www.claec.org/editora](http://www.claec.org/editora) | [editora@claec.org](mailto:editora@claec.org)

